

plástico bolha

aparentemente insólito...

Distribuição Gratuita

Ano 2 - Número 10 - Março/2007

Nesta edição:

ADRIANO ESPÍNOLA

RODRIGO N.C.

VIOLETA QUENTAL

MARILENA MORAES

GREGÓRIO DUVIVIER

HEINZ LANGER

CONSTANZA DE CÓRDOVA

CIDA BORGES

MARY BLAIGDFIELD

ALICE SANT'ANNA

LUIZ COELHO

SOLANGE VALERIANO PINTO

ISABEL DIEGUES

o que acontece aqui é ao avesso
esse último estalido de madeira
quando queima as bordas
até que chega ao centro, coração
de madeira, e trepida ela todinha
como fazem os gelos no copo
de vidro, ou os olhos de mar
salgados

gravetos
são catados pela estrada de barro
o corpo envergado para o chão
parece até que imita, contorcido
nessa beira de tarde
que não tem avião nem dia
de semana nem velocidade
já que o tempo aqui passa diferente.

Alice Sant'anna.

A temporada das bolhas voltou

Após um ano de sucesso, estamos de volta para mais involuntários textos, cuja leitura frui como o estourar de um plástico bolha. Ploct, um poema; ploct, subjetivas; ploct, um pequeno conto; muitos plocts, as entrevistas.

Aos novos alunos da PUC, desejamos as boas-vindas e avisamos, desde logo, que este espaço também é de vocês. É bom lembrar ainda que aceitamos todo tipo de textos, de todos os cursos e de todas as faculdades. Não percam tempo e enviem logo suas produções literárias.

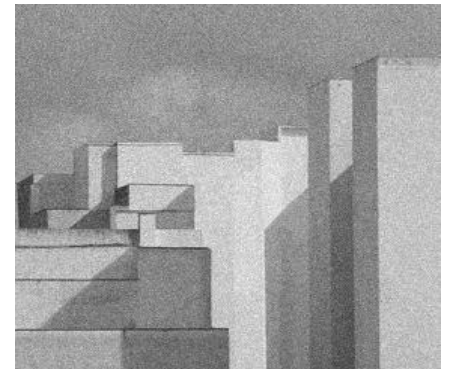
Para este ano, novas colunas, algumas notas cáusticas, um novo e aparentemente insólito slogan, uma entrevista exclusiva com Adriano Espínola, professor da UFRJ, que, de quebra, ainda nos enviou o poema em prosa inédito *Os Gestos*, além de muitas outras novidades que vocês vão ver ao longo das próximas edições.

Estouram-se os fogos, cortam-se as fitas, puxa-se o véu, abrem-se as cortinas, quebra-se a garrafa no proa do navio que vai partir: o plástico-bolha está de volta.

Ploct!



Vamos tirar as idéias da gaveta



Pequena nota urbana

Coca-cola, uns ventos e uma
da madrugada de terça
num Rio sem cristo nem bossa
da varanda aqui é só asfalto,
umas plantas murchas e
orquídeas de plástico.

Constanza de Córdoba

QUEBRA DE PRO TEU COLO

Há muito tempo o amava em segredo
Tinha idade pra seu filho ser
Só que não era, e do amor teve medo.
Desesperada pensa em morrer

Um dia, surpresa, o ouviu dizer.
Era o seu amor correspondido
Depois de tanto tempo escondido
Puderam enfim a paixão viver

Acordam do *sonho*. Que caso sério!
Ambos são casados. É adultério!
Outro empecilho, a idade seria.

Como numa quebra de protocolo.
Sentado o filho com a mãe ao colo
Amavam-se na corregedoria.

Solange Valeriano Pinto

Escrever um texto técnico-científico não me provoca emoções. Sai quase pronto, desde que saiba o que dizer. Vou escrevendo e reelaborando o que achava que sabia. Escrever a vocês, alunos, a convite – que muito me honrou – é outra coisa. Difícil. E por quê?

Primeiro, porque o gênero “carta”, sugerido pelo título da coluna, encaminha para a esfera do relacionamento pessoal, ainda mais carregado pelo “com carinho”. Não que o carinho não exista, mas expô-lo em público, sem o “olho no olho”, me intimida.

Difícil também porque meu papel aqui está definido como o de professora: “aos alunos” circunscreve minha relação com vocês à relação possível professor/aluno. E aí tenho de ter uma lição a passar adiante, e, nesse caso, uma lição de vida. O que vale a pena passar adiante? As experiências são sempre tão importantes para nós e tão mesmices para os outros! Difícil. Prá caramba! Mas vamos lá.

Minha experiência de aluna de Letras: 1968, Faculdade de Letras, UFRJ, Avenida Chile. Um galpão velho abrigou a Faculdade de Letras, desmembrada da Filosofia e afins, que antes coabitavam no prédio ao lado da Maison de France e davam muito trabalho à repressão. Cada macaco no seu prédio; a nós, de Letras, esse galpão. As aulas aconteciam no mesmo ambiente, um grande subsolo, em que os professores ocupavam com suas turmas cada um o seu canto. Então a gente tinha aula de francês e o grupo de carteiras mais próximo de latim, o da esquerda discutia Kristeva, e assim por diante. Era ótimo, podia-se assistir a várias aulas diferentes simultaneamente. E ainda participar de todas as brigas e fofocas e controlar a vida de todo mundo. E as assembleias políticas, as passeatas, as correrias quando a polícia invadia o prédio... Superaventuras, um inimigo definido e uma enorme e santa inconsequência. O lado horrendo da coisa: a desconfiança, o medo.

A primeira lição é o lugar-comum sobre os anos de chumbo: democracia e liberdade de expressão são preciosos. A outra é um pouco mais sutil: a indigência espacial da Faculdade revelava as convergências e divergências teóricas e propiciava concretamente a descompartmentalização entre disciplinas. Isso a gente busca até hoje mostrar que é possível e me parece uma boa meta para vocês.

Segunda trama: eu adorava ler e estudar Literatura. Ainda adoro. Mas, lá pelo final do curso, comecei a estudar fonologia, morfologia (estruturalista) e os exemplos do Popoloca da Serra, do Kamayurá, me fascinaram. Sempre adorei puzzles, e daí parti para a Lingüística. E lá vai a terceira lição: curiosidade e maravilhamento, nada melhor! E mais, entre a Literatura e a Lingüística, fique com os dois, de preferência acrescentando outros ingredientes.

Resumindo a ópera, fui ser professora, de ensino médio, escola pública e particular, fiz Mestrado, Doutorado, fiquei na Universidade. No meio do Doutorado veio a iluminação. O mundo de incertezas da linguagem manipulado para sistemas computacionais! Recortar o mundo e lidar com apenas um problema que pode ser transformado em estados finitos e regido por regras, nada melhor para manter a lucidez. (Depois me dei conta de que os puzzles têm aqueles vários tons de azul de céu e de mar.) Então é isso: virei lingüista computacional. Nada mais curioso – no bom sentido, é claro:)

Para não perder a pose e o foco, busquei nessa narrativa o coloquialismo típico do gênero carta pessoal, pelo que peço mil desculpas, já que estamos em ambiente institucional. (E, se ninguém percebeu, tentei criar uma meta-carta.)

Abraços carinhosos,

Violeta Quental

Professora de Lingüística

Imantado de solidão, caminho pelo centro da cidade. A multidão em torno. Cumprimento alguém, olho uma vitrina, passo a mão no rosto suado, aliso os cabelos. Dobro uma esquina. Adiante, as mãos penetram no bolso, examinam objetos, seguram chaves, papéis, dinheiro. Pairam no ar.

Os gestos! Como bóiam anônimos e silenciosos dentro da tarde, tão imperceptivelmente meus que parecem fora de mim, misteriosos.

Em que cidade teria aprendido a carregá-los? Ou serão eles que me conduzem a mim, prosaico caminhante da tarde?

Súbito, escapam, viajam.

Quem os possuiria além? Teócrito, o pastor grego? Ali está ele (vejo-o na imaginação), caminhando pelo mercado de Corinto. Cumprimenta o louro Hilas, que passa com o cântaro e a sua morte para o festim da noite. Dobra uma barraca.

Com ele, os gestos desaparecem risco na água. Vão dar de beber aos mortos na curva dos rios. (Ali, onde o meu avô genovês nada no esquecimento e em silêncio empurra os gestos, ondas, que pelos dias vou refazendo.)

Sim, os gestos caminham com as águas. Porejam no tempo. Circulam, úmidos, por entre objetos, corredores, portas, desejos. Por entre corpos que avançam e recuam feito marés.

E quem, noutra esquina ou noutra tarde, colherá a forma fluida dos meus gestos e os repetirá, surpreso, assim banais, assim obscuros?



LEGADO

Da mãe herdou os olhos, do pai, a indecisão.

Tem um olho sempre meio aberto, o outro sempre meio fechado.

Marilena Moraes

Subjetivas por *Gregório Duvivier*

MÁRIO LÚCIO SOUZA DO NASCIMENTO

Esposa, filhos, noras, genros, netos, irmãs, cunhados e sobrinhos comunicam o desejo de que o querido Mariozinho morra logo de uma vez e pare de atazanar a nossa vida.

Debrucei – me na janela
Para olhar a chuva
Vendo a água imunda
Que descia pelo canto da rua
Contemplando o nado sinuoso
De uma folha ordinária de papel
Meu olhos se dissolviam
Junto com meus sonhos
Desmanchados pela água imunda
Que descia pelo canto da rua.

O Preço de um Poema

Não escorre em minha face
Uma mínima gota de agonia
Em poetizar o nascer do dia
Ainda que o sol se apagasse.

O que me seca e esgota
É só ouvir o eco de minha voz,
É essa solidão atroz,
É fazer música de uma só nota.

Nem a paisagem sem graça
Dos paralelepípedos passivos
Adormece meus desejos lascivos
Úmidos como a chuva esparsa.

Dois
poemas de
Cida Borges

plástico bolha

*produzido pelos alunos da
graduação de Letras da PUC-Rio*

Tiragem: 7.000
Impresso na CUT Graf

Editor
Lucas Viriato

Editora Assistente
Marilena Moraes

Conselho Editorial
Luiz Coelho; Gregório Duvivier;
Isabel Diegues

Comissão
Julia Barbosa; Camila Justino;
Mauro Rebello; André Sigaud

Revisão
Rubiane Valério

Coordenação
Luiza Vilela

Equipe
Márcia Brito

Colaboradores
Sueli Rios, Marilena Moraes, Luiza Vilela, Isabel Diegues, Gustavo Paes, Léa Diva Vilela, Andrew Mc Alister, Alexandra Wiltshire, André Sigaud, Pedro Rajão, Rebeca Fuks, Ana Cabral, Gabriel Lima, Luiz Antônio

Envie seus textos para:
jornalplasticobolha@gmail.com

O exercício da poesia

Adriano Espínola é poeta, ensaísta e professor da UFRJ. Autor de *Em trânsito - Táxi/Metrô* (1996), *Fala, favela* (1998), *Praia provisória* (2006), entre outros, nos concedeu esta entrevista, que é pura poesia

Alguns poetas, como Paulo Henriques Britto, como foi Affonso Romano de Sant'Anna, são professores. O que vocêalaria sobre o trânsito entre essas duas áreas de atuação?

Na minha juventude eu queria mesmo era ser atleta. Gostava de natação; nadava os quatro estilos: peito, costa, golfinho e nado-livre. Ao voltar de uma viagem aos EUA, fiz o vestibular e me vi com notas para ingressar nos cursos de Direito ou Economia. Mas, no dia da matrícula, dei boabeira; tinha ficado em casa, pela manhã, lendo Ana Karenina. À tarde, descobri que ainda havia vagas para o curso de Letras. Matriculei-me no ato. Um anjo torto disse-me, na ocasião, que eu seria professor, professor de literatura. Como já escrevia meus versos, calculei que, sendo professor e poeta, poderia dar continuidade ao meu sonho adolescente de ser atleta. Veja que, como poeta, continuo praticando os quatro estilos da natação: o lírico, o épico, o dramático e o misto (que corresponde ao *medley*, em que se combinam os quatro estilos, na prova de 100 ou 200m). E como professor, pendurado no giz e nas palavras, movimentando-me pela sala, continuo me exercitando fisicamente, para depois saltar, aquecido, nas águas da poesia.

É difícil definir a sua poesia, como a de qualquer poeta, se é que se deve definir a obra de alguém. Adriano Espínola é engajado e possui riqueza formal, é épico e lírico, é urbano e bucólico, dentre uma série de outras tensões. Nesse sentido, onde você situaria a sua obra?

É isso que respondi acima. A natação deu-me fôlego e recursos para nadar na piscina, no mar aberto ou num rio. Alguém aí já tentou atravessar um rio, mais ou menos impetuoso, de uma margem a outra? Você nunca chega ao ponto mirado, mas sempre lá na frente, numa terceira margem, não é mesmo? Eu já fiz isso ao atravessar o rio Jaguaribe; não foi fácil. Esse feito deu-me marra para escrever narrativas, poemas em prosa, etc. Quanto ao mar, fui garoto da Praia de Iracema e do Mucuripe. Quando não pegava ondas, ia de uma praia a outra no braço. Creio que foi por isso que adquiri fôlego para escrever os poemas lírico-épico *Táxi e Metrô*, atravessando o “marurbano” das grandes cidades. Fui um bom nadador de piscina também (morava vizinho a um clube), em Fortaleza. Com isso, acho que acabei por dominar algumas formas fixas. O barato mesmo era nadar debaixo d’água. O silêncio do mundo e da poesia se encontra aí. Quando você sai das águas (e estamos sempre saindo do silêncio das águas) você enxerga melhor a natureza, o sol, as coisas e o outro, em volta. Daí eu ter escrito os haicais de *Trapézio*, os poemas coloquiais e urbanos de *O lote clandestino*, os poemas celebratórios do *Beira-Sol* e as formas dramáticas do *Fala, favela*.

Para muitos, sua obra é um exemplo de harmonia entre a tradição e as novas e sempre heterodoxas propostas da poesia contemporânea. Podemos dizer que a sua obra é uma resposta ao cenário atual?

A poesia não tem nada de espiritual, transcendente. Tudo é uma questão de respiração e musculação. Quem quiser se candidatar a poeta, a primeira coisa que recomendo é a prática de um ou de vários esportes até a exaustão, para depois começar a escrever. Rimbaud, por exemplo, era um incansável andarilho. Por isso mesmo, pôde chegar a passos largos ao Inferno, à frente de todo mundo. É preciso adquirir forças para arrastar a tradição até o presente e criar tensões entre as vozes do passado e “as novas e sempre heterodoxas propostas da poesia contemporânea”, como você fala. Penso que a minha poesia representa as contradições e aspirações do nosso tempo. Ela é assim diversificada e tensionada, porque a nossa época o é. Também resulta da minha natureza e temperamento dramáticos. Mas como todo projeto individual, mostra-se incompleta, lacunosa, irregular. Me inspiro no teatro barroco, para abrigar muitas vozes e estilos e nunca esquecer, como diria Quevedo, que a nossa vida é comédia e teatro de farsa o mundo todo.

O que você pensa do atual cenário da poesia contemporânea?

Onde? No Brasil, nos EUA ou em alguns países da Europa? Sei que nas regiões mais industrializadas e tecnologicamente avançadas a poesia parece ter se esgotado. Raramente você encontra trabalhos acadêmicos (dissertação ou tese) sobre um poeta ou sobre a poesia de um período. Ou grupos de poetas. Não existem mais. Acho que é em decorrência da poluição e do aquecimento geral do planeta, não é mesmo? As formas mais sensíveis de vida estão ameaçadas. Com o derretimento crescente das geleiras, por exemplo, a reprodução das tartarugas, das algas marinhas e dos poetas se encontra ameaçada. Tenho muita pena das tartarugas. Os poetas que se danem. No Brasil, cultiva-se ainda infelizmente o carvão extinto dessa arte típica do século XIX e, em alguns momentos, do XX. Coisa de país pobre. Acho que os poetas deveriam largar essa forma atrasada de arte e partir para o plantio da cana-de-açúcar. Voltar ao álcool. É a energia do futuro.

Como você vê as críticas à poesia contemporânea, tida como hermética e restrita a um grupo mínimo de leitores?

Pois é. Um dos sinais mais claros da decadência dessa arte é exatamente o seu caráter grupista, fechado. Às vezes, anda metida numa subjetividade inalcançável. Isso revela sem dúvida a sua desimportância social e cultural. O velho Goethe, aliás, nas suas conversas com Eckermann, por volta de 1826, já afirmava que todas as épocas que se encontram em estado de decadência e perversão tendem para a subjetividade. Ao contrário das épocas progressistas, em que saudável é o esforço do mundo interior para o exterior, em que a atenção se volta para o mundo real e objetivo, através de formas criativas e renovadas.



Você é um estudioso de Gregório de Mattos. Podemos dizer que a sua poesia é, à maneira de um “Gregório de hoje”, uma tentativa de construir tensões e paradoxos?

Realmente, você disse bem. Minha obra poética até agora é essa tentativa de criar tensões e paradoxos. Tenho ainda na gaveta dois livros, um de haicais & tankas e um outro, de narrativas. Quando estudei o velho Boca do Inferno, em tese defendida em 1999, já havia escrito boa parte da minha obra. Voltei-me para ele certamente por afinidade quanto à diversidade e experimentação constante. Não tenho, contudo, a veia satírica e a espontaneidade de cantador, de um violeiro jocoso e culto, que ele tinha. Foi um caso único na literatura brasileira. Um farsante, um fingidor *avant la lettre*, o pai barroco de Fernando Pessoa.

Para muitos, inclusive para mim, Para provisória é uma daquelas obras-primas da poesia brasileira. Você atribui maior importância a Praia provisória, enxerga nesta obra a sua maturidade?

Em primeiro lugar, não sei se se trata de uma obra-prima da literatura brasileira; é generosidade sua. Vejo-a ainda com defeitos. Numa eventual (e talvez improvável) reedição, eu mexeria no desenho de alguns poemas e trocava algumas seções de lugar. Sei que trabalhei muito, exaustivamente na composição desses poemas, nos últimos sete anos. Foi todo um esforço de concentração melódica dos versos, perpassando temas diversos, que vão do amor à própria composição poética (“Armadilha para Orfeu”). Dei este nome de “praia provisória”, porque sei que escrevi para que a beleza aí alcançada fosse breve, passageira.

Gostaria de, neste final, falar algo mais aos nossos leitores?

Sim. Que corram mais na praia, freqüentem academia de musculação e que, se puderem, mergulhem no mar ou numa piscina. A poesia agradece. É melhor ser atleta que poeta, com perdão da rima.

Produção Textual

Letras

Discurso

Transferências e Portadores de Diplomas: 24/4 a 31/5.

Poesia

Literatura

Formação de Escritor – 3 anos
Formação de Tradutor – 4 anos
Formação de Professor – 4 anos
Português e Literatura
Português e Inglês

Roteiro

Tradução

Leitura

Departamento de Letras – PUC-RIO
(21) 3627-1444/1445/1447
letgra@let.puc-rio.br
www.lettras.puc-rio.br

ETTORE

CUCINA ITALIANA

PÃES ANTIPASTOS MASSAS MOLHOS
PIZZAS SALGADOS DOCES TORTAS

Entregas na Gávea e Leblon
sábados, domingos e feriados

Av. Armando Lombardi, 800 - lojas C/D. Condado de Cascais, Barra da Tijuca - RJ
Tel.: 2493-5611 / 2493-8939

Contos de Mary Blaugdfield – A mulher que não queria falar sobre o Kentucky

De Lucas Viriato

Mary Blaugdfield dirigiu-se até a pia. Como suas mãos estavam sujas!, pensava, girando a torneira. Em milésimos de segundos, a água limpa e corrente se desmanchou pelos dedos sujos da mulher. Realmente estavam sujos.

- Nada como uma boa água fresca para lavar as mãos, não? – disse ela em voz alta.

- É, de fato, a água corrente retirará a maioria das impurezas das suas mãos. Se lavar com sabão, então exterminará a maioria dos micróbios e dos outros microorganismos. Mas não pense que está cem por cento segura apenas por estar lavando as mãos... Muitas coisas resistem facilmente a uma simples lavada de mãos...

- Como o quê, por exemplo?

- Como... – A outra pessoa fez uma pausa, como se prestes a fazer uma séria revelação - pó nuclear...

Naquele momento as mãos de Mary Blaugdfield, que até então se friccionavam, congelaram. Levantou os olhos lentamente até encarar a outra pessoa no reflexo do espelho.

Mary ficou parada até que a outra pessoa lhe ofereceu uma toalha.

Enquanto enxugava as mãos, perguntou com a voz séria:

- Por acaso esta cidade já sofreu algum ataque com pó nuclear?

- Isso foi há muito tempo. Antes do Larie Boferman, antes mesmo do Paul Mackning... As conjunturas eram outras e isso se deu naturalmente.

- Por que você nunca me contou isso? – perguntou irritada.

- Tínhamos medo da sua reação. A entrevista foi transmitida em rede nacional! Se você soubesse a verdade, poderia estragar tudo! O trabalho de anos.

- Vocês me fizeram mentir para milhões de cidadãos, sem eu nem saber que estava mentindo?

- Fizemos sim, mas foi pelo bem do projeto. Você precisa compreender.

- Eu preciso compreender? – perguntou ironicamente – Eu preciso compreender é uma ova! Eu vou reconvocar a imprensa e informar toda a verdade.

- Não Mary, você não vai. – retrucou a outra pessoa em um tom de voz seco.

- Vou, sim! Não vou levar esse peso nas costas pelo resto da vida!

- Não Mary. Você não vai...

- E eu posso saber por quê?

- Porque, se você for, se você abrir a boca, revelaremos para todos os seres vivos desse planeta... – pausa

– o que você fez no Kentucky.

- EU NÃO QUERO FALAR SOBRE O KENTUCKY! EU NÃO QUERO FALAR SOBRE O KENTUCKY! EU NÃO QUERO FALAR SOBRE O KENTUCKY! – Mary Blaugdfield gritou, sofrendo naquele banheiro. Começou a se contorcer, lembrando-se do Kentucky. Contorceu-se até cair no chão, encolhendo-se. Enquanto passava a mão no chão, ela ia se enchendo de microorganismos novamente, todos sujos. Encolheu-se até ficar pequenininha. Pequenininha e vermelha, pois seu rosto parecia que ia explodir. Os grunhidos que sua garganta fazia eram verdadeiramente demoníacos. Sua pele pipocou em questão de segundos. Ela tremia, encolhida, cada vez mais rápido, em verdadeiras convulsões.

Quando aquele sofrimento parecia estar chegando a um momento insuportável, um jorro de secreção negra e gosmenta saiu de sua boca. A partir de então, ela se acalmou como um casal após a cópula.

Mary Blaugdfield ficou ali, como um verme, no chão do banheiro, envolta em sua secreção nojenta, repleta de imundos microorganismos.

- Você precisará de muita água corrente agora... – e a outra pessoa foi embora impassível.

Ela é Mary Blaugdfield e ela não quer falar sobre o Kentucky.

Notas Cáusticas

O berço requietório
por Rodrigo N. C.

Ei-los! — olhos pequeninos, rasgando o repouso da pausa inicial, ferindo o breu da noite, rompendo a solidão eterna.

Ei-la! — sua reminiscência sombria, obscura; sequer existe e está em tudo, sempre.

É que, inata e intáctil, a indiferença do que sempre se viu, em si mesma, abriu duas covas oculiformes. Nelas pôs braços, pernas e pontas abnormes; nelas, vício, virulência, medo e morbidade, e outras coisas, sem as quais não há a unidade fugiente que fingem ter. E, lá no fundo, nas profundezas, enfiada no imo terroso, crudivorante, descansa quieta, quase inerte, mas em silêncio, a eloquência do testemunho do nada, que tudo faz calar, e em cujo seio se encontra aconchego, agonia, desespero. Para lá, se leva a queda e a certeza de se estar caindo; de lá, não volta coisa alguma, nem mesmo um ai... ai... ai...

Poesia em Diálogo

Eu,
Abrigo absurdo do mundo
Admirador do perplexo
Prisão do tempo disperso
Consolo do poeta surdo
Demiurgo da história
Artífice dos destinos
Antídoto, ou absinto
Gáudio eterno da escória

Eu,
O copo antigo do bar
E por ética anônimo

Luiz Coelho

Ela

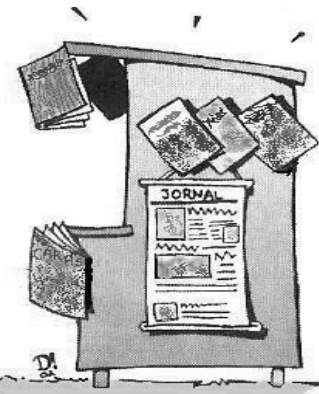
Ele

Eu
Coisificada em pedra bruta
Lapidada a dentes e unhas
Macerada em lenta curra

Eu
Alada em luto
(já posso dormir)
O matei

Isabel Diegues

Banca da PUC
Tel.: 2512-7109



CLIQUE AQUI

www.bibvirt.futuro.usp.br

Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa - Escola do Futuro da USP - oferece recursos educacionais úteis para estudantes e professores, do ensino infantil ao universitário, suprimindo a carência de bibliotecas escolares e de material de qualidade na Internet. Pretende, ainda, contribuir para a criação de infra-estrutura para o ensino a distância e a inclusão digital. No acervo, textos, artigos, documentos, imagens, sons e vídeos, além do projeto Gutenberg, um dos primeiros a disponibilizar textos eletrônicos gratuitos.

vale o clique!